

Elogio fúnebre

“A maior parte dos meus antecessores neste lugar exaltaram os que tornaram este discurso uma obrigatoriedade legal, sublinhando, deste modo, que o mesmo deve ser pronunciado no funeral daqueles que tombaram em combate. Por mim, acho que o valor que foi demonstrado através de acções deveria ser suficientemente recompensado através de honras igualmente prestadas por meio de acções, tais como acabais de ver neste funeral, preparado e custeado pelos poderes públicos. Era meu desejo que as reputações de tantos homens destemidos não corressem riscos na boca de um só indivíduo, valorizando-se ou diminuindo-se consoante a maior ou menor perícia do seu discurso. Porque é tarefa árdua encontrar as palavras apropriadas quando se aborda um assunto em que, logo à partida, se torna difícil convencer os que ouvem de que se está a dizer a pura verdade. Por um lado, o amigo que tem conhecimento de todos os factos da história pode considerar que algum aspecto não foi realçado com os pormenores que ele deseja e acha que o falecido amplamente merece. Por outro lado, quem for desconhecedor das condições em que a morte ocorreu, pode ser levado, pela inveja, à suspeita de que se trata de exagero tudo quanto esteja acima da sua própria natureza. É que os homens só suportam ouvir o elogio dos outros na precisa medida em que conseguem persuadir-se de que são capazes de igualar as acções exaltadas. Quando essa marca é ultrapassada, aparece a inveja e com ela a incredulidade. No entanto, uma vez que os nossos antepassados estabeleceram este costume com a sua aprovação, passa a ser meu dever a obediência à lei, tentando satisfazer os vossos diversos desejos e opiniões o melhor que me for possível.

“Começo pelos nossos antepassados: é justo e adequado que, numa ocasião como esta, lhes seja dedicada a primeira menção. Foram eles que viveram neste país, sem interrupção, de geração em geração, e, graças ao seu valor, legaram-no livre aos que aqui vivem presentemente. E se os nossos mais remotos antepassados são dignos de louvor, muito mais o são os nossos pais, que acrescentaram à herança recebida o império que agora possuímos, não poupando sacrifícios para serem capazes de deixar as suas conquistas aos que, como nós, constituímos a presente geração. Por fim, há poucas parcelas dos nossos domínios que não tenham sido aumentadas por muitos de nós, aqui presentes, que ainda se encontram, mais ou menos, no vigor da vida, e que deram à cidade-mãe tudo aquilo que a capacita para depender apenas dos próprios recursos, tanto em tempo de guerra como em tempo de paz. Essa parte da nossa história, que narra os feitos militares através dos quais lográmos obter as nossas possessões ou o marcante valor com o qual nós ou os nossos pais parámos a maré de agressões helénicas ou estrangeiras, é um tema demasiado familiar para os que me ouvem, pelo que nela me não deterei. Mas aquilo que foram o percurso através do qual chegámos à realidade em que hoje vivemos, a forma de governo sob o qual alcançámos a nossa grandeza e os hábitos nacionais que lhe serviram de impulso são questões que posso tentar abordar antes de proceder ao panegírico destes homens, uma vez que penso ser este um tema acerca do qual, nas presentes circunstâncias, um orador pode adequadamente tratar com minúcia, e relativamente ao qual toda a gente aqui presente, sejam cidadãos ou forasteiros, pode escutar com manifesta vantagem.

“A nossa constituição não copia as leis dos estados vizinhos. Bem pelo contrário, somos mais um modelo para os outros do que imitadores de costumes alheios. A nossa administração favorece a maioria do povo, e não uma restrita minoria. É por isso que lhe chamamos democracia. Quando temos de recorrer às leis, verificamos que elas conferem a todos o mesmo nível de justiça, no respeito pelas suas diferenças. A progressão na vida pública depende do mérito e das capacidades de cada um, sem olhar à sua origem social. Do mesmo modo, se um homem possui aptidões para servir o estado, não é a obscuridade da sua eventual pobreza que o impede de o fazer. A liberdade que o nosso regime nos confere alarga-se, do mesmo modo, à nossa vida privada. Nesse campo, longe de exercermos uma vigilância invejosa sobre cada

cidadão, não nos sentimos impelidos a conflitar com os vizinhos pelo facto deles fazerem aquilo que lhes apraz, ou, sequer, a cair naquelas expressões injuriosas que não podem deixar de ser ofensivas, embora daí não resulte qualquer penalização efectiva. Mas toda esta liberdade nas nossas relações privadas não faz de nós cidadãos sem leis. Contra este receio, a respectiva salvaguarda encontra-se na nossa educação, que nos leva a obedecer aos magistrados e ao cumprimento das leis, particularmente as que respeitam à protecção dos oprimidos, constem elas do código civil ou pertençam àquele outro código que, não estando escrito, não pode, sem grande vergonha, ser violado.

“E mais, proporcionamos a todos a recreação do espírito, como recompensa das canseiras do trabalho. Durante o ano inteiro, organizamos jogos e sacrificios, e, a elegância das nossas habitações constitui uma fonte diária de prazer e ajuda a esquecer as preocupações. Ao mesmo tempo, a grandeza da nossa cidade atrai os produtos de todo o mundo para o nosso porto, de tal modo que, para os Atenenses, os melhores frutos dos outros países se tornaram um luxo tão familiar como aqueles por nós produzidos.

“Se analisarmos a nossa política de defesa, também aí encontraremos diferenças relativamente aos nossos antagonistas. Pela nossa parte, sempre abrimos a nossa cidade para o mundo e jamais excluimos os estrangeiros de qualquer oportunidade de conhecer ou observar, embora sabendo que os olhos de um inimigo podem aproveitar-se da nossa liberalidade, porque confiamos menos no segredo da nossa política do que no espírito corajoso e leal dos nossos cidadãos. No plano educativo, onde os nossos rivais procuram, desde o berço, através de uma férrea disciplina, inculcar o sentido da coragem, em Atenas vivemos do modo que mais nos apraz, e, apesar disso, estamos tão prontos como eles a enfrentar qualquer perigo legítimo. Como prova do que acabo de dizer, pode mencionar-se o facto dos Espartanos não invadirem o nosso território sozinhos, antes trazendo consigo todos os seus aliados, enquanto nós, Atenenses, avançamos sem apoio de ninguém para o território de um vizinho, e, lutando numa terra estranha, vencemos sem dificuldade homens que estão a defender o que é seu. Nenhum inimigo teve, ainda, de se defrontar com todas as nossas forças reunidas, porque logo temos de cuidar da marinha e despachar os nossos cidadãos por terra para uma centena de serviços diferentes. Por isso, sempre que um inimigo se confronta com alguma das fracções do nosso potencial, um sucesso que obtenha é glorificado como se fosse uma vitória contra a nação toda e uma derrota que sofra é sentida como um revés sofrido às mãos de todo o nosso povo. E se mesmo com os nossos hábitos mais facilitados e com uma coragem menos treinada, mas mais fruto da nossa natureza, ainda estamos dispostos a enfrentar o perigo, então temos aí a dupla vantagem de sermos poupados à antecipada experiência dos sacrificios, podendo enfrentá-los, quando a necessidade surgir, tão destemidamente como aqueles que nunca deles se livram.

“E não são só estes aspectos que tornam a nossa cidade merecedora de admiração. Cultivamos o requinte sem extravagâncias e as coisas do espírito sem perda de virilidade. Da riqueza usufruímos mais a utilidade do que a ostentação, e, quanto à pobreza, achamos que a verdadeira desonra não está em reconhecer a sua existência, mas sim em nada fazer para a combater. Os nossos homens públicos, além da actividade política, têm que atender aos seus negócios particulares, enquanto os nossos cidadãos comuns, embora ocupados com os seus mesteres, não deixam de ser atentos juizes dos assuntos públicos. Porque, diferentemente de qualquer outra nação, não dizemos que um homem que não se interessa pela política se limita a meter-se na sua vida. Dizemos, sim, que é um inútil. Nós, Atenenses, somos capazes de ajuizar todos os acontecimentos públicos, e, em vez de considerarmos a discussão dos mesmos como um obstáculo para a acção, pensamos que ela constitui um passo preliminar indispensável a qualquer acção prudente. Uma vez mais, nos nossos empreendimentos, apresentamos o singular espectáculo da ousadia e da deliberação, cada uma delas levada ao mais alto grau e levadas a cabo pelas mesmas pessoas, embora seja verdade que, usualmente, a

decisão seja tanto filha da ignorância como a hesitação o é da reflexão. Mas a consagração da coragem seguramente será mais justamente atribuída aos que melhor conhecem a diferença entre sacrifício e prazer, e que, mesmo assim, jamais são tentados a eximir-se ao perigo. Em generosidade somos igualmente singulares, fazendo amigos através de favores prestados, e não de graças recebidas. É claro que o que presta o favor é, dos dois, o mais firme amigo, procurando, mediante uma contínua generosidade, manter o recipiente em dívida para consigo, enquanto o devedor se sente menos afeiçoado por causa da consciência que tem de que a retribuição que fizer será uma forma de pagamento, não um presente gratuito. E são só os Atenenses que, desprezando as consequências, conferem os benefícios, não de forma calculista ou por mero expediente, mas com a confiança da liberalidade.

“Resumindo, direi que, como cidade, somos a escola da Grécia, embora duvide se o mundo pode produzir um homem que, podendo apenas contar com si próprio, consiga estar à altura de tantas emergências e ser prendado com tamanha versatilidade como o Atenense. E que tudo isto não é mera conversa de ocasião, mas completa matéria de facto, prova-o o poder que o estado adquiriu graças a estes costumes. Nas provações, apenas Atenas, dentre os estados contemporâneos, é capaz de demonstrar que é ainda maior do que a sua reputação, e é a única cidade a não dar aos seus invasores a oportunidade de se envergonharem por serem por ela vencidos ou aos seus súbditos razões para questionarem os méritos de quem os governa. Pelo contrário, a admiração dos tempos presente e futuro ser-nos-á devida, uma vez que não deixámos o nosso poder sem testemunhos, antes os recordamos com grandiosos monumentos. E longe de precisarmos, para fazer o nosso elogio, de um Homero – ou outro de arte semelhante, cujos versos podem encantar momentaneamente, mas cuja avaliação dos factos fica aquém da realidade –, forçámos cada mar ou cada terra a transformar-se na estrada da nossa audácia, e, em toda a parte, fosse pelo mal infligido aos inimigos ou pelo bem prestado aos nossos amigos, deixámos atrás de nós imperecíveis monumentos. Assim é Atenas, pela qual estes homens, na afirmação da determinação que tinham de a não perder, por ela nobremente lutaram e morreram. E é natural, portanto, que cada um dos cidadãos que lhes sobreviveram se encontre pronto para se sacrificar pela mesma causa.

“De facto, se me alonguei um pouco a falar sobre o carácter do nosso país, foi para demonstrar que o nosso risco é superior ao de outros que não têm tantas coisas valiosas para perder, e, também, que o panegírico dos homens de que agora estou a falar podia ser estabelecido através de provas irrefutáveis. Esse panegírico está agora, em grande medida, completo, porque a Atenas que aqui elogiei é o resultado do heroísmo que estes e outros da sua têmpera quiseram que fosse. Homens cuja fama, diferentemente da da maior parte dos outros Helenos, se verá que só pode ser medida através dos seus merecimentos. E se for necessário fazer uma prova de merecimento, encontrá-la-emos nas suas derradeiras acções, e isto não apenas nos casos em que se tratou da última marca aposta no seu valor, mas também naqueles que, pela primeira vez, foram intimados a demonstrar que o tinham. É que é de toda a justiça reconhecer que a bravura demonstrada nos campos de batalha deve constituir como que uma capa para encobrir as imperfeições dos homens, uma vez que a acção meritória limpou as menos dignas e o seu valor como cidadão mais do que compensou os seus deméritos como indivíduo. Nenhum destes homens se permitiu vacilar ante a perspectiva do gozo futuro da sua riqueza nem, pela sua pobreza, se furtou ao perigo, na esperança de um dia ser rico. Não, aplicar esse castigo aos seus inimigos era algo bem mais desejável do que qualquer bênção pessoal, e, cientes de que essa tarefa era o mais glorioso dos riscos, alegremente o aceitaram, de modo a garantir a sua desforra, deixando para o futuro a satisfação dos seus desejos pessoais. Abandonando nas mãos da esperança a incerteza do sucesso final, sentiram-se aptos, no cumprimento da missão, a agir com valentia e confiança em si próprios. Assim, preferindo resistir até à morte a sobreviver sujeitos, da desonra, apenas, se esquivaram, enfrentando o perigo cara-a-cara. Foi então,

quando estavam no ponto mais alto das suas vidas, que se evadiram para sempre, não do medo, mas da sua merecida glória.

“Assim morreram estes homens, como dignos Atenienses. Vós que lhes sobrevivestes tendes de demonstrar idêntica tenacidade no campo de batalha, mesmo aspirando a usufruir de melhor sorte. E não satisfeitos com ideias, só de palavras feitas, das vantagens ligadas com a defesa do vosso país, embora estas pudessem fornecer um texto de valor para um orador, mesmo perante uma audiência tão desperta para elas como a presente, deveis ter consciência do poder de Atenas e dela encher os vossos olhos em cada dia que passa até que o amor por ela vos encha o coração. E então, quando toda a sua grandeza vos tiver arrebatado, deveis reflectir que foi através de muita coragem, sentido do dever e um devotado sentimento de honra na acção que os homens lograram conseguir tudo isto, e que nenhuma falha pessoal, durante uma campanha, os pode levar a permitir que o seu país fique privado do seu valor, antes os deve levar a lançá-lo a seus pés como mais gloriosa contribuição que lhe podem oferecer. Por esta oferta das suas vidas, feita em comum por todos eles, cada um, individualmente, recebe o quinhão de fama que nunca envelhece e, por sepultura, não tanto aquela onde os seus restos mortais estão depositados, mas no mais nobre memorial, no qual a sua glória repousa, para ser eternamente lembrada em cada ocasião em que acontecimentos ou palavras propiciem a sua comemoração. É que os heróis têm a terra inteira como sepultura, e não apenas no território onde a coluna com o seu epitáfio os recorda. Em lugares longínquos, está consagrado em cada peito uma memória não escrita, sem legenda que o recorde, excepto a que permanece nos corações das suas gentes. Tomem estes homens como modelos, e, tendo em conta que a felicidade é o fruto da liberdade e que a liberdade o é da coragem, jamais recusem os perigos da guerra. É que não são os miseráveis que mais razões têm para desprezar a perda das suas vidas. Estes já de si de nada têm esperança. São muito mais aqueles para quem a continuação da vida pode trazer reveses ainda desconhecidos e que uma desgraça, se acontecesse, seria mais terrível nas suas consequências. E, seguramente, para um homem de espírito, a degradação da cobardia deve ser incomparavelmente mais gravosa do que a imperceptível morte que o atinge, em plena batalha, no meio do seu vigor e do seu patriotismo!

“Conforto, por conseguinte, não condolências, é o que tenho para oferecer aos familiares dos mortos que aqui possam encontrar-se. Inúmeras são as incertezas a que, como eles sabem, a vida do homem está sujeita, mas afortunados são eles, de facto, por poderem reivindicar a memória de um morto tão glorioso como aquele que causou as suas lágrimas e a quem a vida foi tão rigorosamente medida que terminou na felicidade da forma honrosa como se apagou. Sei que é duro falar nestes termos, especialmente porque quando virdes outras famílias felizes sereis levados a recordar outros tempos em que éreis igualmente felizes. É que as mágoas são sentidas não tanto pela falta daquilo que nunca tivemos, como pela perda daquilo a que duradouramente nos habituámos. Todavia, aqueles de vós que ainda estão na idade de ter filhos devem viver na esperança de os ver nascer e ocupar o seu lugar. Não só vos ajudarão a esquecer aqueles que haveis perdido, como serão para o estado, prontamente, um reforço e uma segurança. Porque nunca pode esperar-se uma contribuição política prudente e justa dos cidadãos que não trazem para os processos de decisão os interesses e as apreensões de um pai. Quanto àqueles de vós que já viveram demasiado para voltar a ter filhos, deveis congratular-vos com o pensamento de que a maior parte da vossa vida foi afortunada e que o tempo que vos resta será animado com a exaltação dos que partiram. É que só o sentido da honra tem a garantia de não envelhecer, e é a honra, não os ganhos materiais, que regala o coração dos velhos e dos desprotegidos.

“Quanto aos filhos e irmãos dos que tombaram, antevejo uma árdua tarefa diante de vós. Quando um homem desaparece, todos se dispõem a elogiá-lo, e, mesmo que o vosso mérito seja de tomo, ainda assim encontrareis dificuldade não só em superar o que é atribuído ao

falecido como mesmo em atingir um renome semelhante. Os vivos têm sempre que se defrontar com a inveja dos outros, enquanto que os que já não se encontram entre nós são honrados com uma boa-vontade em que a rivalidade não entra. Por outro lado, se é minha obrigação dizer algo a propósito da excelência feminina àquelas que agora caíram na viuvez, será tudo o que consta nesta breve exortação: grande será a vossa glória se não ficarem aquém do vosso carácter natural; e maior ainda será a daquelas que são menos faladas entre os homens, seja por bem ou seja por mal.

“A minha tarefa está agora concluída. Procurei desempenhar-me dela o melhor que o meu engenho me permitiu, e, no que concerne às palavras, as exigências da lei encontram-se agora satisfeitas. Se as acções estiverem em questão, os que estão aqui enterrados já receberam parte das suas honras. Quanto ao resto, os seus filhos serão criados a expensas públicas até atingirem a idade adulta. O estado oferece, assim, um prémio valioso, como uma grinalda de vitória numa competição de valor, de modo a galardoar tanto aqueles que caíram em combate como os entes queridos que lhe sobreviveram. E onde os prémios por mérito são maiores é que se encontram os melhores cidadãos.

“E agora que haveis acabado de chorar os vossos familiares, podeis partir.”